

**DIÁRIO DE BORDO:**  
**A experiência do fora.**

22

Hiannay Tupyara Jovem de Freitas

Um ponto a ser esclarecido desde o princípio em relação a esse ensaio é que não escrevo sobre teorias filosóficas, mas sim com elas, a partir dos atravessamentos que sofri com as recentes leituras de Maurice Blanchot, Gilles Deleuze e Michel Foucault.

Os autores acima citados são denominados de “pensadores”, não estando essa denominação em seu uso vulgar. Esse termo ganha outros contornos a partir da incursão, mesmo que superficial, pelos escritos dos mesmos. A busca por uma noção do fora não se restringe apenas a escrita, pelo contrário, ela pode ser entendida a partir do plano que esses autores fazem em direção à exterioridade.

Eles, ao se deslocarem ao plano da exterioridade, fazem esse constante esforço contra suas certezas e convicções, buscando perpassar a linha do fora. Estamos muito acostumados em refletir sobre os problemas postos, fazendo o caminho da interiorização, onde acabamos por apenas reorganizar os conhecimentos já estabelecidos. Não produzindo assim, nada

de inédito, já que o “novo” só é produzido justamente através do pensamento que longe de ocorrer de forma natural precisa de um abalo, pois senão seria apenas uma reflexão. E achando isso pouco, fazemos questão de pregar a reflexão como auge da emancipação do sujeito.

Muitas frestas começam a se abrir na cortina de certezas que pressupunha estar conseguindo formar ao longo dos anos. A partir desse momento não há mais como desconsiderar o campo de forças existentes e que nos afetam a todo o momento.

Quando me proponho a analisar o Livro Didático de Arte não posso perder de vista esse contexto tão importante e ao mesmo tempo tão nebuloso que são as instâncias de poder nos quais esses livros estão

inseridos. E isso está se tornando cada vez mais evidente a partir das mudanças que estão sendo feitas na política de seleção e compra de livros didáticos no Brasil.

Além dos afetos pessoais e das editoras que publicam os livros didáticos produzidos no país, agora estamos caminhando para a legitimação de considerações cada vez mais extremistas sobre e na educação. E no campo da arte esse tipo de ação acaba por minar um território ainda muito frágil e que mal teve tempo de tomar consciência de si e já está sendo sistematicamente atacado.

Quando proponho a crítica dessa política pública, não pretendo fazer coro com os contrários ao desenvolvimento e ampliação de ações como

essa. É necessário ressaltar que almejo justamente a ampliação do debate, fortalecendo-o. Sendo um ponto fundamental, que não deve ser ignorado ao longo do meu trabalho.

Falo de forma subjetiva justamente por entender que é preciso coragem para lançar-me ao fora e quem sabe assim, poder vislumbrar em alguma medida, a minha própria morte.